

Boletim

Nº 1.979 - Ano 43 - 29 de maio de 2017

TECNOLOGIA QUE VICIA

Pesquisadores da Faculdade de Medicina desenvolveram um instrumento que rastreia a dependência de smartphone. Com 26 questões, o formulário foi aplicado em 415 alunos de cursos de graduação da UFMG e indicou 43% de prevalência de rastreamento positivo. Desse grupo, 33% tiveram a dependência diagnosticada posteriormente.

Página 5



Domingo no Campus celebra Dia Mundial do Meio Ambiente

Página 3

Um passeio na **CIDADE** pelos caminhos da **ROÇA**

Ludimila de Miranda Rodrigues Silva*

Vagner Luciano de Andrade**

O mês de junho está chegando e, com ele, as tradicionais festas juninas, evento espacializado em todo o país. Nessa época, escolas, comunidades e empresas se mobilizam para comemorar as datas de Santo Antônio, São João Batista e São Pedro. Rifas, prendas e ensaios se desdobram e motivam muitos a dançar nesses festejos. Além da dança intitulada “quadrilha”, que narra um pouco da ampla realidade rural, há um conjunto de quitutes e quitandas para serem saboreados: pipoca, canjica, paçoca e quentão, entre caldos e porções, despertam os sentidos.

Mas a festa junina está longe de ser um evento que agrupa sabores e saberes numa perspectiva reflexiva. Ainda se caracteriza como uma comemoração alienante e alienadora. Essa festividade camufla, há muitos anos, o histórico embate entre campo e cidade, no âmbito das relações capitalistas contemporâneas. O jeito “errado” de falar do camponês, o dente pintado de preto denotando ideia de “apodrecimento”, as roupas “remendadas” denunciam que alienadamente contribuímos para ampliar e consolidar o estereótipo do homem do campo como atrasado, um ser em retrocesso face ao citadino.

Sabemos que existem distorções históricas que não caberia aqui discutir dada a sua complexidade. Mas resta-nos protagonizar novos processos de ver e promover a festa junina em um contexto de reaproximação entre campo e cidade. Com esse intuito, o “passeio na cidade” e o “caminho da roça” se formatam como itinerários antagônicos, porém complementares. Basta pensarmos que a cidade, na perspectiva teórica da ecologia, é entendida como um organismo consumidor, e o campo, como “produtor”. E esse consumo, muitas vezes exacerbado e sem limites, tem contribuído para a submissão das populações camponesas à égide

urbano-industrial capitalista. É preciso rever e remodelar esse paradigma.

Existe uma quadrilha que deve ser repensada nos moldes ecológicos. Assim, o passeio na cidade será um *avancé* [do francês “avancer”], um *tour* e um *returnê* [“retourner”] para entender a multifuncionalidade citadina e sua conexão com a paisagem rural. Esse elo possibilita compreender a cidade como realidade distinta, não mais significante do que o campo e suas populações. Na cidade, estão elementos que possibilitam identificar caminhos da redescoberta, de uma essência originada na roça, com seus saberes e fazeres e seus jeitos de ser e estar no mundo.

Vamos caminhar citadinos rumo às nossas origens camponesas que nos remetem aos ancestrais, à cultura de outros tempos e lugares. Percorramos essas trilhas rumo aos elos perdidos. Se no caminho a ponte estiver quebrada, pensemos no córrego poluído com esgoto e lixo. E por falar em lixo, o que originalmente é gerado nas comunidades rurais acaba transformando-se em resíduos e em problemas. Pensemos então nas lixeiras, cestos que acolhem nossos resíduos, muitas vezes desnecessários e supérfluos. Que esse cestinho transforme-se em flor, a florescer a reciclagem. Olha o plástico, olha o papel (reciclar), olha o vidro, olha o metal (reciclar) olha o rejeito (descartar). Olhando o orgânico, pensemos no desperdício e nos problemas relacionados a ele. Que não precisemos mais de cestinhos de lixo e que, em seus lugares, haja flores e florestas. É a retomada de uma nova cidade, na qual a premissa da qualidade de vida seja a máxima dos gestores e dos cidadãos.

E por falar em cidades com seus ambientes impermeabilizados e compactados, sem verde e sem espaço, olha a chuva, que deu enchente. Será por quê? A chuva já passou, mas voltará, precisamos planejar.

Olha a chuva, que ameniza o calor e garante a manutenção da vida. Já passou e que volte logo, para fazer germinar campos e pastagens, florestas e matas, sonhos e esperanças. Pensem na cidade que faz e refaz suas paisagens e encontremos um túnel, escavando o morro. Olha o túnel necessário à mobilidade viária. Que ele se efetive protegendo matas e nascentes citadinas, espaços de vida animal e vegetal ainda que ignorados em alguns processos.

Na cidade há outros seres que devem ser redescobertos. Seres que povoavam o imaginário e a cultura de nossos ancestrais rurais. Olha a cobra, olha a jaguatirica, olha a jacupemba, olha a rã, olha a joaninha. Que a cidade floresça em sons e cores, demonstrando uma biodiversidade que insiste em sobreviver em meio ao caos diário. Voa andorinha, volta pra floresta ainda protegida. Voa gavião, vai andar pelo parque da cidade. Repetindo as chamadas entoadas ao som da música camponesa, repensem e busquemos a cidade perdida. A urbe que começou na roça e se perdeu nos dias de hoje. A cidade que se redescobre e se reinventa tendo a paisagem rural como fonte inspiradora e matriz de energia a se fazer e refazer no imaginário de cidadinos e camponeses, que agora se amontoam em uma única dança. Uma dança semelhante a um caracol. Olha a rede, por uma cidade e por um campo em que todos participam de um mundo melhor. Então, *avancé, tour, returnê!* Cestinho de flor, olha o campo, olha a cidade! Integrou!

*Geógrafa e doutoranda do IGC-UFMG. Pesquisadora na área de paisagens culturais camponesas, indígenas e quilombolas

**Agente da Rede Ação Ambiental com formação em Ecologia, Geografia, Magistério, Patrimônio e Turismo

EDUCAR e DIVERTIR

Em mais uma edição, Domingo no Campus celebra Dia Mundial do Meio Ambiente com atividades diversificadas

Helvio Caldeira*

O potencial aquífero do campus Pampulha, cortado por duas sub-bacias hidrográficas – Ribeirão Pampulha e Córrego Mergulhão –, será abordado em uma das atividades da nona edição do Domingo no Campus, no próximo dia 4 (véspera do Dia Mundial do Meio Ambiente), das 8h às 13h, na Estação Ecológica. “Trata-se de ótima oportunidade para compreender a origem dessa água que passa por debaixo da nossa terra e para onde ela vai quando chove”, afirma o estudante Gabriel Teles, estudante de Geografia do IGC.

Integrante do Consórcio de Recuperação da Bacia da Pampulha – associação civil-comunitária que atua em Belo Horizonte e Contagem –, Teles vai abordar o assunto na exposição *Águas da Pampulha*, por meio de uma maquete que possibilitará visualizar o itinerário da água pelo campus. Sua exposição foi proposta no âmbito de edital lançado em janeiro pela Pró-reitoria de Extensão, a fim de acolher sugestões da comunidade universitária para compor a programação do evento.

Atividades educativas como a que será ministrada pelo estudante de Geografia se juntarão às já tradicionais atrações recreativas: brincadeiras comandadas pela equipe do projeto *Tô de boa, tô no campus*, caminhadas ecológicas, oficinas de educação, Bike Anjo BH (que ensina a andar de bicicleta), dança cigana e sessões no Cineclube Olaria.

Atraída por esse conjunto de atividades, a servidora Ieda Rodrigues, do Museu de História Natural e Jardim Botânico, deverá participar do evento pela primeira vez. “Eu nunca fui a um Domingo no Campus, sempre tive vontade. Acho muito interessante essa forma mais lúdica de encontro no campus. É uma oportunidade que a comunidade externa tem de se aproximar desse lugar tão bonito. O uso do campus em dias não úteis, fora do contexto acadêmico, precisa ser incentivado”, defende Ieda.

UFMG acessível

A ex-aluna da UFMG Clélia Picinin já participou do evento em outras oportunidades e acredita que ele é fundamental “para acabar com a ideia de uma UFMG distante, de acesso impossível”. Agora, em parceria com o servidor técnico-administrativo Guilherme Ribas, Clélia vai apresentar a filosofia do Movimento Escoteiro aos participantes. “Nosso intuito é levar a cultura escoteira para além do nosso grupo. Pretendemos montar um campo temático e focalizar não apenas o público jovem, mas também os adultos que podem atuar como voluntários”, adianta ela, autora da proposta *Escoteiro por um dia*, também selecionada na chamada de janeiro.

Para Isabela Abalen, a experiência no Domingo no Campus é muito prazerosa. Caloura de Jornalismo na UFMG, ela esteve na última edição e anseia pelo novo encontro: “Adorei ver as pessoas trazendo suas famílias e se divertindo. Espero que, nesta edição, tenhamos as mesmas oportunidades de descontração e aprendizado”. Julia Calasans, colega de curso, vai participar pela primeira vez. “Estudo à noite, não tenho como aproveitar o campus. Quero muito conhecer as atividades culturais, jogos e brincadeiras”, revela.

Os participantes contarão com opções de alimentação, postos de limpeza e banheiros. Eles devem usar roupas confortáveis, de preferência calças, e levar repelente e garrafa de água. Como a Estação Ecológica é espaço de preservação e conservação e ambiente



Bike Anjo, dança cigana e slackline estão entre as atrações do evento

de extensão e pesquisa universitária, não será permitida a entrada de animais de estimação. Com 114 hectares, a Estação Ecológica é habitat de várias espécies de mamíferos, anfíbios, répteis e aves.

O Domingo no Campus é uma parceria entre as pró-reitorias de Extensão, Administração e Assuntos Estudantis, Diretoria de Ação Cultural, Coordenadoria de Assuntos Comunitários e o Centro de Comunicação da UFMG.

Mais informações estão disponíveis na página do evento (<https://www.facebook.com/domingtonocampusufmg/>).

*Bolsista de Jornalismo da Pró-reitoria de Extensão

FÍSICA em duas DIMENSÕES

Pesquisadores descrevem espalhamento de elétrons na molibdenita, abrindo nova frente para avanços em áreas como ciência dos materiais e armazenamento de energia

Ana Rita Araújo

Fenômeno até então desconhecido pelos pesquisadores de materiais com espessura atômica, o espalhamento de elétrons entre os vales de sistemas bidimensionais, por intermédio de um fônon, foi descrito no artigo *Intervalley scattering by acoustic phonons in two-dimensional MoS₂ revealed by double-resonance Raman spectroscopy*, publicado na revista Nature Communications. O trabalho tem como primeiro autor Bruno Carvalho, orientado pelo professor Marcos Pimenta, do Departamento de Física da UFMG, e foi desenvolvido em cooperação com pesquisadores norte-americanos e britânicos.

A descoberta desse comportamento se deu por meio da técnica de espectroscopia Raman ressonante, que faz incidir um feixe de laser sobre o objeto e possibilita análise do espectro de luz reemido. O mapeamento revelou a interação de elétrons com partículas chamadas fônon, que são os quanta (pacotes de energia) da vibração de átomos do cristal. Nessa pesquisa, a equipe analisou o dissulfeto de molibdênio (MoS₂), também chamado de molibdenita, que pertence à família de nanomateriais bidimensionais denominados dicalcogenetos de metais de transição.

Os pesquisadores identificaram processo em que o fônon acústico "joga" o elétron de um vale para outro em uma folha bidimensional de MoS₂. Esse conhecimento constitui ferramenta para monitoramento experimental desse processo e pode facilitar o desenvolvimento de técnicas para criação de dispositivos eletrônicos elaborados com materiais bidimensionais, área de fronteira na Física. "Ao utilizar mais de 20 linhas de laser, percebemos que a frequência de alguns traços Raman se desloca quando se muda o feixe de energia de excitação, processo de espalhamento conhecido como Raman de dupla ressonância", explica Bruno Carvalho.

Observado no dissulfeto de molibdênio pela primeira vez, esse comportamento – em que a frequência de alguns traços Raman sofre um deslocamento com a energia do laser – possibilitou aos autores do trabalho responder uma pergunta que ficara em aberto por mais de duas décadas na literatura, informa Bruno Carvalho. O mesmo padrão é esperado para outros sistemas bidimensionais semicondutores da família dos dicalcogenetos de metais de transição, diz o pesquisador, que defendeu sua tese de doutorado em fevereiro deste ano e acaba de ser admitido como professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. A colaboração de Carvalho com a equipe dos Estados Unidos que participou da pesquisa teve início em seu doutorado sanduíche, no grupo do professor Mauricio Terrones, na Penn State University.

Materiais bidimensionais

A chamada física dos sistemas bidimensionais, que estuda materiais em camada de espessura atômica, focaliza novos fenômenos que ocorrem somente em duas dimensões e abre possibilidades para aplicações em inúmeros campos. Materiais formados por folhas e que podem ser esfoliados em lâminas de nível atômico – grafeno, dissulfeto de molibdênio, mica e pedra-sabão, por exemplo – podem ser associados a outros, como plástico, cimento, cerâmica e gesso, que assim adquirem propriedades novas para aplicações em campos como biologia, ciência dos materiais, eletrônica e armazenamento de energia.



Marcos Pimenta: análise da molibdenita, nanomaterial bidimensional

Carol Prado/UFMG

"Como cada material bidimensional tem uma propriedade – um é condutor de eletricidade, outro é isolante, outro é semicondutor – hoje é possível não apenas fabricar esses materiais bidimensionais, mas também empilhar tipos diferentes, fazendo assim um dispositivo com várias propriedades", explica Marcos Pimenta, que há 25 anos criou, no Instituto de Ciências Exatas (ICEx), o Laboratório de Espectroscopia Raman.

Valetrônica

Além da eletrônica, cujo objeto são as propriedades quânticas dos elétrons, campos mais recentes de pesquisa focalizam outras características dessas partículas, como a chamada spintrônica, que estuda as propriedades magnéticas do material trabalhado. "Nos materiais bidimensionais surge ainda um novo efeito, uma vez que os elétrons se localizam dentro de vales nessas estruturas", acrescenta Marcos Pimenta. Segundo ele, a possibilidade de usar essa nova propriedade em dispositivos deu origem à área de investigação *valleytronics* (ou valetrônica). "O artigo publicado na Nature Communications fornece uma compreensão da Física subjacente na área de valetrônica, ao mostrar como a eficiência de um dispositivo pode ser afetada pela interação entre elétrons nesses vales, por fônon do material", esclarece o professor, um dos pioneiros na pesquisa com nanomateriais no país.

Coordenador do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT) de Nanomateriais de Carbono e do Centro de Tecnologia em Nanomateriais (CT-Nano), Pimenta mantém intensa colaboração científica com instituições internacionais. Segundo ele, mais do que um laboratório com boa infraestrutura, a UFMG detém "principalmente a expertise de entender, interpretar e extrair informações das amostras que nos são enviadas de países como Estados Unidos, China e Japão".

VÍCIO em SMARTPHONE

Equipe da Faculdade de Medicina desenvolve instrumento para rastrear dependência provocada pelo uso do aparelho

Mariana Pires*

Irritabilidade, inquietude e incômodos provocados pela falta de acesso ao smartphone podem ser sintomas de abstinência, um dos principais sinais de alerta para reconhecimento da dependência do aparelho, doença psiquiátrica cada vez mais frequente entre usuários, que, em casos mais graves, causa transtornos como depressão e ideias suicidas.

Para rastrear essa dependência, um grupo de professores, profissionais e estudantes de medicina e psicologia do Centro Regional de Referência em Drogas (CRR) da UFMG desenvolveu um instrumento inédito no Brasil, o Smartphone Addiction Inventory (SPAI-BR). Trata-se de um questionário com 26 tópicos, [disponível gratuitamente](http://bit.ly/2qhf50).

Segundo uma das autoras do estudo, a professora Julia Khoury, do Departamento de Saúde Mental da Faculdade de Medicina, o questionário já existia em outros países e foi adaptado para o Brasil. "O instrumento era mais extenso e tinha um formato diferente", afirma Julia, doutoranda do Programa de Pós-graduação em Medicina Molecular sob a orientação do professor Frederico Garcia. A pesquisa que resultou no SPAI-BR foi desenvolvida de 2014 a 2016. No último dia 17, os resultados do estudo foram publicados em artigo na revista PloS One, especializada nas áreas de ciências e medicina, e disponível para leitura no endereço <http://bit.ly/2qhf50>.

Julia Khoury esclarece que o questionário é um instrumento de rastreamento e não de diagnóstico. "Sete ou mais respostas positivas indicam um risco maior do desenvolvimento da dependência", alerta a médica. Para ela, a partir desse resultado, a pessoa já deve procurar orientação médica. "Só o profissional pode diagnosticar o vício com precisão", afirma.

Para a professora, o desenvolvimento do SPAI-BR possibilita a abertura de novas frentes de pesquisa na área. "Nos próximos meses, avaliaremos cerca de 300 pessoas, também alunos de graduação da UFMG, para compreender as características de personalidade e os parâmetros fisiológicos que possibilitam caracterizar melhor as pessoas mais propensas a desenvolver a dependência de smartphone", conta.

Aplicação do questionário

Durante o desenvolvimento da pesquisa, o questionário foi aplicado em 415 alunos de variados cursos de graduação da UFMG. De acordo com Khoury, o resultado indicou 43% de prevalência de rastreamento positivo, ou seja, em risco de dependência. Desse grupo, 33% tiveram a dependência diagnosticada posteriormente.

Das pessoas que tiveram detectada a dependência de smartphones, 94,9% são solteiras. A maioria, 56%, tem renda familiar mensal superior a três salários mínimos. A dependência é mais

O questionário está disponível na página crr.medicina.ufmg.br/spai. Veja alguns itens que compõem:

- Já me disseram mais de uma vez que eu passo tempo demais no smartphone.
- Em mais de uma ocasião, dormi menos que quatro horas porque fiquei usando o smartphone.
- Eu não consigo controlar o impulso de utilizar o smartphone.
- Minha interação com meus familiares diminuiu por causa do meu uso de smartphone.
- Minhas atividades de lazer diminuíram por causa do uso do smartphone.
- Eu não consigo fazer uma refeição sem utilizar o smartphone.



Julia Khoury: questionário inédito no Brasil

Carol Moreira/Faculdade de Medicina-UFMG

prevalente em mulheres, com 55% do total de alunos avaliados.

A pesquisadora conta ainda que a dependência de smartphone entre os alunos da UFMG foi associada à dependência de Facebook, abuso de álcool, depressão maior, fobia social, transtorno de ansiedade generalizada, baixa satisfação com suporte social, alta impulsividade e traço de personalidade de elevada busca de sensações.

Sintomas e tratamento

Segundo Julia Khoury, as doenças psiquiátricas podem ter vários sintomas. "O transtorno ocorre quando começa a ser prejudicial no dia a dia. É preciso ficar atento a alguns sinais, como a ansiedade demonstrada por uma pessoa quando fica longe do aparelho e deixa de fazer outras atividades no âmbito do trabalho ou do lazer", exemplifica. Ela afirma que o transtorno é mais comum em adolescentes e estudantes universitários e pode comprometer o sono, a capacidade de concentração e a aprendizagem.

De acordo com a pesquisadora, a relação da dependência de smartphones com o vício em drogas carece de mais investigação. "Os sintomas são muito semelhantes, mas há necessidade de mais estudos para determinar um possível tratamento", explica. Algumas terapias podem ser utilizadas para tratar os sintomas do vício. "Existem remédios, por exemplo, para ansiedade e depressão", observa a pesquisadora. Ela conta que esses sinais podem ser, inclusive, a causa do vício. "Ao identificar e tratar essas doenças, as chances de tratamento da dependência são potencializadas", afirma.

O Ambulatório de Dependências Químicas e Comportamentais do Hospital das Clínicas da UFMG atende pacientes com dependências sem necessidade de encaminhamento do posto de saúde. Os atendimentos ocorrem às segundas-feiras, das 8h às 12h, e podem ser marcados no local. O Ambulatório fica no 6º andar do Hospital Bias Fortes, na Alameda Álvaro Maciel, 175, bairro Santa Efigênia.

*Jornalista da Faculdade de Medicina

COOPERAÇÃO RENOVADA

Acordo “guarda-chuva” e convênio de dupla diplomação foram firmados entre a UFMG e universidades francesas

Itamar Rigueira Jr.

AUFMG recebeu, na manhã do dia 23, delegação francesa liderada pelo embaixador no Brasil, Laurent Bili, e pelo reitor da Universidade de Lille 2, Xavier Vandendriessche. Foram assinados acordos que renovam e ampliam a parceria com três universidades de Lille (Lille 1, 2 e 3) cidade na região de Hauts de France. Vandendriessche trouxe os documentos assinados pelos reitores das outras instituições e formalizou os acordos com o reitor Jaime Ramírez.

As universidades de Lille estão em pleno processo de fusão, que será concluído em 2018. A ideia é que a nova conformação institucional fortaleça a capacidade de interlocução com a UFMG, que tem na França a segunda maior parceria internacional. Além de um acordo “guarda-chuva”, mais amplo, foi assinado também, com a Universidade Lille 1, convênio de dupla diplomação de mestrado em geografia.

“Nossa colaboração com universidades mineiras – com a UFMG, em particular – caminha muito bem. Por isso, estamos aqui. Formamos um novo compromisso, que vai possibilitar diferentes modalidades de cooperação”, afirmou o reitor de Lille 2, que também destacou a pesquisa e a inovação pedagógica como campos em que a parceria é muito bem-sucedida. “Expressamos nossa vontade de prosseguir com o trabalho conjunto”, completou Vandendriessche.

O embaixador Laurent Bili ressaltou as relações antigas entre universidades brasileiras e francesas, que incluem intercâmbio de estudantes e formação de docentes. “A abertura internacional é um desafio comum às duas universidades, e a UFMG é uma parceira natural. Reforçar os laços entre instituições de pesquisa ajuda a consolidar a união dos dois países visando à realização de projetos de interesse bilateral, como o lançamento de satélites”, disse o diplomata.

Os resultados positivos da parceria com as universidades de Lille foram analisados pelo reitor Jaime Ramírez, que destacou as áreas da saúde e da geografia – neste caso, pesquisas conjuntas se beneficiam das similaridades geomorfológicas entre Minas Gerais e o Norte da França, onde está Lille. “Estamos ao mesmo tempo estreitando as relações e expandindo a parceria para áreas como direito, arquitetura, letras e, possivelmente, engenharia”, disse Ramírez.

Campus Saúde

A delegação francesa reuniu-se, no campus Saúde, com dirigentes e pesquisadores da Faculdade de Medicina, da Escola de Enfermagem, do Instituto de Ciências Biológicas e do Hospital das Clínicas. O objetivo foi fazer um balanço de ações conjuntas passadas e em curso, além de planejar apresentação de projetos para concorrer a recursos de agências como a Fapemig.

Juntas, as três universidades de Lille têm mais de 66 mil estudantes, 3,3 mil professores-pesquisadores e 62 unidades de pesquisa, nas áreas de ciências ambientais, direito, economia, ciências humanas e sociais, engenharias, ciência e tecnologia, ciências da vida, esportes e línguas, letras e artes. Com instituições francesas, a UFMG



Xavier Vandendriessche e Jaime Ramírez: parceria ampliada

Foca Lisboa/UFMG

mantém 62 convênios gerais, seis acordos de dupla diplomação e 85 cotutelas, entre outros convênios.

China

No último dia 18, delegação da China Three Gorges University (CTGU), instituição localizada em Yichang, província de Hubei, reuniu-se com o reitor Jaime Ramírez, com a diretora-adjunta de Relações Internacionais, Deise Dutra, e com o diretor do Centro de Estudos sobre a Ásia Oriental, Gilberto Libânia, para encaminhar acordo de cooperação.

O reitor Li Jianlin lembrou que o Brasil e a China são parceiros estratégicos, especialmente por meio do bloco Brics, “e há muitas razões para cooperação entre as universidades”. Ele informou que sua instituição se destaca na área de engenharias, em campos como hidráulica, ambiental e civil. “Sabemos que a UFMG também desenvolve pesquisa avançada nessas áreas e esperamos trabalhar em conjunto”, disse o reitor, assinalando ainda que há recursos para a oferta de bolsas a estudantes da UFMG interessados em intercâmbio na China.

A China Three Gorges University foi criada em 2000, resultado da fusão da Wuhan University of Hydraulic and Electric Engineering com a Hubei Sanxia College. A CTGU tem programas de graduação, mestrado e doutorado, que reúnem cerca de 28 mil alunos. Seus 70 cursos de graduação são distribuídos em 29 unidades acadêmicas e nove áreas do conhecimento: ciências, engenharias, medicina, arte, comunicação, economia, administração, direito e educação. A instituição está vinculada à usina hidrelétrica Three Gorges (Três Gargantas), no rio Yang-tsé, uma das maiores do mundo.

[Matérias sobre as duas visitas foram publicadas no Portal UFMG, seção Notícias UFMG, nos dias 18/05/2017 e 23/05/2017]

BOLSAS IBERO-AMERICANAS

Estudantes de cursos de graduação da UFMG podem concorrer a bolsas ibero-americanas do Programa Santander Universidades. As inscrições devem ser feitas de 1º a 9 de junho por meio do link www.santanderuniversidades.com.br/bolsas. No mesmo período, os candidatos também devem realizar inscrição pelo Portal Minha UFMG (<https://portal.grude.ufmg.br>).

A iniciativa tem objetivo de contribuir para o intercâmbio científico e cultural entre a UFMG e demais instituições de ensino participantes do Programa. Mais informações estão disponíveis no endereço <http://bit.ly/2qfTkPm>.

REVISTA LAMPARINA

Está aberto o prazo para submissão de trabalhos que poderão compor o novo número da Revista Lamparina, que publica artigos originais, resenhas e entrevistas relativas ao ensino de artes cênicas. Os editores receberão os textos até 15 de junho, e o lançamento da edição está previsto para 30 de julho. O material deve ser enviado para o e-mail lamparinaufmg@gmail.com. Instruções para a submissão estão no endereço <http://bit.ly/2rwqr68>.

A décima edição da Revista tem como tema *A perspectiva transcultural no ensino das artes da cena*. A publicação, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Artes da UFMG, também aceita resumos expandidos sobre projetos de pesquisa.

TELESSAÚDE

Os municípios mineiros Betim, Ibirité e Serro apresentarão suas experiências na área de telessaúde durante o seminário *Conquistas e desafios dos municípios para implementação do Telessaúde*, promovido pelo Centro de Tecnologia em Saúde (Cetes) da Faculdade de Medicina da UFMG.

O encontro será realizado no dia 8 de junho, das 9h às 16h, no Salão Nobre da Faculdade. Professores, gestores e profissionais da saúde ou de áreas interessadas podem se inscrever, gratuitamente, na página do Cetes (<http://site.medicina.ufmg.br/cetes/>), até o dia 6.

Além das apresentações dos municípios, a coordenadora do Cetes, professora Alaneir de Fátima dos Santos, vai apresentar o Núcleo de Telessaúde da Faculdade de Medicina da UFMG. No período da tarde, três rodas de conversa – com médicos e gestores dos municípios, enfermeiros e dentistas – encerram a programação.



FUTEBOL FORA DO EIXO

Está aberta a chamada para a terceira edição da Revista FuLiA, publicação da Faculdade de Letras dedicada a estudos da linguagem, da arte, da memória e da cultura em interface com o futebol e outros esportes. Com periodicidade quadrimestral e de fluxo contínuo, a revista recebe artigos e ensaios – preferencialmente de doutores – até 7 de setembro, pelo site <http://bit.ly/2qL3v28>.

Organizado pelo professor Marcelino Rodrigues da Silva, o dossier *O esporte em contextos locais e regionais* pretende discutir o futebol para além das grandes metrópoles brasileiras, “revelando configurações do fenômeno esportivo que não podem ser reduzidas às grandes narrativas canônicas da história do futebol brasileiro”, de acordo com a descrição da chamada.

A publicação é editada pelo Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes (FuLiA), da Faculdade de Letras. Fundado em 2010, o grupo é o primeiro da área de letras dedicado exclusivamente ao futebol no Brasil.

ENFERMAGEM GERONTOLÓGICA

O tema *Diferentes maneiras de envelhecer: experiências e perspectivas para a Enfermagem* vai orientar as atividades da 11ª Jornada Brasileira de Enfermagem Gerontológica, que será realizada no campus Pampulha de 12 a 14 de julho. O evento é promovido pela Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), Seção Minas Gerais, presidida pela professora Livia Cozer Montenegro, do Departamento de Enfermagem Materno-infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem da UFMG.

A jornada reunirá profissionais e demais interessados em discutir o processo de envelhecimento no Brasil. Também vai promover o debate sobre as contribuições da enfermagem no processo de organização e de articulação das políticas públicas e das redes de atenção à pessoa idosa.

As atividades serão realizadas na Escola de Engenharia. Informações sobre inscrições e a programação estão disponíveis em www.abeneventos.com.br/11jbeg/home.html.

JOVENS PESQUISADORES

Estudantes de graduação e de pós-graduação que sejam autores ou coautores de trabalho de pesquisa, extensão ou desenvolvimento tecnológico na UFMG podem submeter proposta de apresentação de trabalho na 25ª edição das Jornadas de Jovens Pesquisadores da Associação de Universidades do Grupo Montevidéu (AUGM). A documentação deve ser enviada de 9 a 16 de junho. O evento será realizado de 18 a 20 de outubro, na Universidade Nacional de Itapúa (UNI), Paraguai.

Os candidatos selecionados receberão apoio financeiro parcial para cobrir custos com hospedagem, passagem e seguro de vida. Para cada trabalho selecionado, um expositor participará das jornadas; em caso de mais de um autor, apenas um poderá se apresentar como representante. Informações sobre os procedimentos para candidatura estão disponíveis na chamada publicada pela Diretoria de Relações Internacionais (<http://bit.ly/2qhbBf3>).

ENCENAÇÕES QUIXOTESCAS

Editora UFMG lança coletânea de ensaios sobre aspectos objetais de Dom Quixote, obra que ficou conhecida como "um livro sobre os livros"

Ewerton Martins Ribeiro

Por várias razões, críticos literários são recorrentes na afirmação de que o livro *El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes, é uma espécie de fundador do gênero romance. Um desses motivos pode estar no fato de a obra conter a representação metalinguística do próprio universo do livro. De olho nesse jogo especular, a Editora UFMG acaba de lançar *Dom Quixote: encenações tipográficas*, que discute o livro que discute o livro, numa espécie de *mise-en-abyme* teórico-literário.

Organizado por Daisy Leite Turrer, professora da Escola de Belas Artes, e Eliana Scotti Muzzi, professora aposentada da Faculdade de Letras, o volume contém cinco artigos, cujos autores tomam como referência a obra-prima de Cervantes para pôr em cena diferentes debates relativos ao universo do livro como objeto.

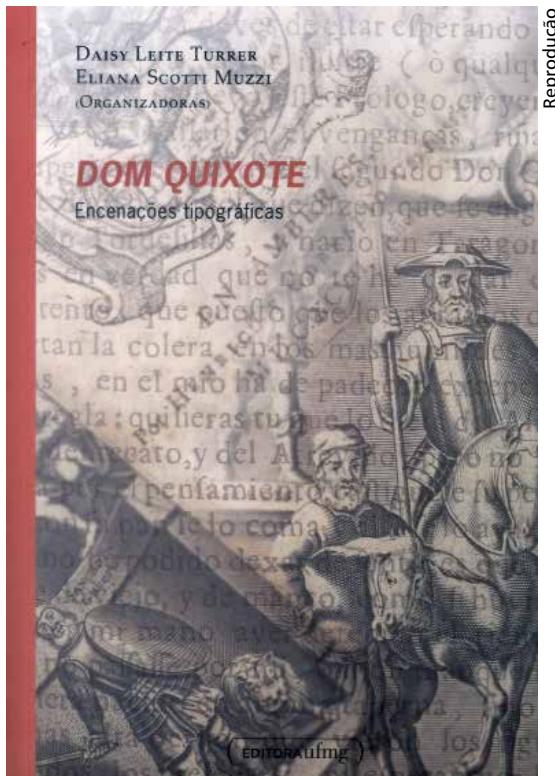
Os dois primeiros ensaios partem de uma análise comparativa das folhas de rosto das duas edições da obra que constam na biblioteca do Santuário do Caraça, localizado no município de Santa Bárbara, em Minas Gerais. Uma edição é de 1879; a outra, do longínquo ano de 1697.

No primeiro texto, Daisy Turrer "coloca em foco a visita de Dom Quixote a uma casa de impressão em Barcelona, cenário do jogo instituído com a letra por meio de deslocamentos de diferentes ordens, que introduzem no livro o ato de sua publicação", como explicam as organizadoras na apresentação do volume. No segundo, Eliana Muzzi analisa dois elementos paratextuais do livro: "o prólogo, que se define como um paratexto contra o paratexto, e as folhas de rosto dessas edições, separadas por dois séculos".

Três outros artigos completam a coletânea. Em *Dom Quixote e o bom governo*, Alexandre José Gonçalves Costa, doutor em história social e professor do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), se propõe a pensar "a disparidade entre o discurso discreto e a ação disparatada do personagem" como projeção de certa transição histórica entre "um mundo calcado sobre os valores heroicos da cavalaria" e o contexto pragmático e contratual do mundo burguês, que estava emergindo.

No quarto texto, Ana Utsch, também professora da Escola de Belas Artes, aborda a proliferação de edições do livro no contexto do romantismo francês do século 19, além das especificidades do uso de imagens nas publicações do período, que sugerem certo trânsito do cômico e burlesco ao simbólico e romântico. Utsch se dedica não apenas às ilustrações contidas nas edições, mas também às suas encadernações e ao processo editorial como um todo.

No último artigo, Janes Mendes Pinto, graduada em Letras e em Belas-artes pela UFMG, trata de diferentes traduções do livro e analisa a abordagem feita do tema "tradução" no interior da própria obra. "A figura do tradutor é onipresente no livro, aí se inscrevendo a partir mesmo da dispersão de sua origem, imiscuindo-se entre os pseudonarradores e frequentemente assumindo a identidade de um árabe, personagem tão pouco confiável, no texto de Cervantes, quanto a própria prática da tradução", escrevem as organizadoras.



Reprodução

Livro: *Dom Quixote: encenações tipográficas*

Organizadoras: Daisy Leite Turrer e Eliana Scotti Muzzi

Editora UFMG

140 páginas / R\$ 37 (preço de capa)